



A Cultura Fotográfica do Fotógrafo Ijuicense Custódio Bernardo Bandeira nas Representações acerca dos Conceitos de Fotografia e Fotógrafo¹

Paulo Ernesto Scortegagna²

Araciele Maria Ketzer³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul –UNIJUI- Ijuí, RS

RESUMO

O presente artigo, no contexto do Projeto de Pesquisa “Itinerários da Cultura Visual e da Linguagem Fotográfica de Fotógrafos da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul”, expõe as representações da Cultura Fotográfica acerca dos conceitos de fotografia e de fotógrafo ilustradas por uma biografia visual do fotógrafo ijuicense Custódio Bernardo Bandeira (1936). Arte, Sensação e Expectativa, Prazer, Autonomia Profissional, Revolução, Escravização e Civilidade são expressões que revelam as representações da cultura fotográfica de Custódio Bandeira.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; história; fotógrafo; representações.

TEXTO DO TRABALHO

O presente texto tem por objetivo apresentar os resultados preliminares obtidos no processo de investigação que se desenvolveu, durante os meses de setembro a dezembro de 2011, no Projeto de Pesquisa “Itinerários da Cultura Visual e da Linguagem Fotográfica de Fotógrafos da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul”.

O Projeto tem por tema a Cultura Fotográfica de Ijuí e Região: Fotógrafos e Linguagem Fotográfica. E, dentro deste, sua delimitação diz respeito à história da fotografia e dos fotógrafos desde sua chegada/introdução no município de Ijuí e região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul até os dias atuais, bem como da cultura

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Autor, Coordenador e Orientador do Projeto de Pesquisa “Itinerários da Cultura Visual e da Linguagem Fotográfica de Fotógrafos da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul”, Professor de Fotografia e História da Arte da UNIJUI, email: paulosc@unijui.edu.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIJUI, Bolsista de Iniciação Científica- PIBIC-Vice-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da UNIJUI, email: celikety@gmail.com



fotográfica: A técnica do fazer fotográfico, os fotógrafos, suas formações, a cultura visual e o exercício da linguagem fotográfica.

Algumas questões norteadoras constituíram a base para o processo inicial da formulação do projeto, dentre as quais podem ser citadas: A Cultura Visual Fotográfica, a História da Fotografia e dos Fotógrafos de Ijuí e Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul constitui-se num fenômeno cultural inserido no contexto do desenvolvimento sócio-histórico universal. Bem como o desenvolvimento e a evolução da linguagem fotográfica dos fotógrafos está e esteve condicionada a evolução tecnológica e estética dos diferentes períodos históricos universais.

Neste contexto o Projeto, a partir dos dados resultantes do processo de investigação, pretende construir a história da cultura visual fotográfica da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Objetiva-se, de modo específico, estudar e catalogar os fotógrafos que contribuíram em diferentes tempos históricos para a constituição da cultura visual fotográfica de Ijuí e Região, bem como verificar, analisar e interpretar como se desenvolveu e/ou evoluiu o domínio da linguagem fotográfica pelos distintos fotógrafos desde os mais antigos aos atuais.

Para que tais objetivos possam ser efetivados a investigação se instrumentaliza das seguintes orientações metodológicas: Pesquisa bibliográfica continuada para a construção do corpo teórico argumentativo e interpretativo; mapeamento e fichamento dos estudos, trabalhos e pesquisas já desenvolvidos em Ijuí e região sobre fotografia e fotógrafos; pesquisa e avaliação das/nas coleções fotográficas e demais documentos do acervo do MADP -Museu Antropológico Diretor Pestana- Ijuí, Rio Grande do Sul; uso de instrumentos e técnicas para coleta e sistematização de dados tais como: Entrevista presencial gravada, entrevista não presencial escrita, questionários com roteiro de questões abertas e ou fechadas (questões múltiplas ou únicas), registro e notação de eventos e fatos da investigação em diário; reunião com grupo de estudo na área do tema e respectiva avaliação e sistematização dos conteúdos/questões estudadas; outras técnicas e ou ferramentas que, no percurso da investigação, forem necessárias.

Cabe aqui explicitar alguns argumentos e pressupostos teóricos que auxiliam na justificativa e compreensão do tema em questão, bem como da importância e relevância do projeto enquanto processo de produção de conhecimento.

Vários estudos, dentre os quais a tese de doutorado “A construção da Cultura Fotográfica no Sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração” e o lançamento do respectivo livro “Dimensões da Cultura Fotográfica no Sul do Brasil” de autoria do



professor de História Dr. Ivo Santos Canabarro bem como, um dos mais ricos acervos de coleções fotográficas do Brasil que se encontra no Museu Antropológico Diretor Pestana- Fidene-Ijuí atestam e são testemunho da importância que teve e tem a cultura Visual Fotográfica para o município de Ijuí e Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa Cultura Visual Fotográfica inicia com o processo de imigração de famílias de origem européia que trazem consigo a possibilidade de importar equipamentos bem como aprimorar e desenvolver a técnica e a linguagem fotográfica aqui mesmo em Ijuí e na região.

Nomes de fotógrafos como Eduardo Jaunsem e Alfredo Beck, os mais antigos e já estudados, são exemplos tanto da grandeza quanto das qualidades técnicas e estéticas da fotografia produzida em Ijuí e Região.

A atualidade, onde as formas de representações passam pelas novas mídias (digitalização e virtualização do mundo) e mudanças vertiginosas de tecnologia, requer um cuidadoso olhar para o passado para que o mesmo (“antigo mundo analógico”) não se perca de modo voluntário em face da valorização da cultura atual.

A importância da cultura visual fotográfica do passado e do presente, da história da fotografia e dos fotógrafos bem como da evolução da linguagem fotográfica em Ijuí e na região é de suma importância, pois tais contextos estão inseridos na história sócio cultural do município, do estado e do Brasil. A partir desse estudo e com ele se poderá saber bem mais do que a história dos fotógrafos ou da fotografia: De como se deu e se dá hoje a relação das trocas simbólicas e fundamentalmente de nossa cultural local e regional.

Em sua tese doutoral, "A construção da Cultura Fotográfica no Sul do Brasil: Imagens de uma sociedade de imigração" (2004), o Professor e Historiador Ivo Santos Canabarro explica os sentidos em que está inserida a Cultura Fotográfica, bem como em que contexto sócio-histórico ela se desenvolve em Ijuí e na Região:

A cultura fotográfica compreende a produção imagética, os fotógrafos, a tecnologia utilizada, os atores retratados e os usos sociais da fotografia. É uma das modalidades de cultura que se configurou no decorrer do processo de ocupação e de colonização da região, com a vinda de fotógrafos, desde os primeiros imigrantes, que registraram a construção social do espaço. Os imigrantes colonizadores pertenciam a diferentes grupos étnicos, formando uma comunidade interétnica. Eles eram considerados colonos e a maioria exercia a agricultura e outros ofícios. Dentre os colonos, os fotógrafos destacam-se por exercerem uma prática especializada e por serem considerados

mediadores culturais ao registrar as dimensões da sociedade de imigração. A fotografia foi amplamente divulgada e aceita na comunidade, sendo usada pelos grupos sociais na construção da visualização da sociedade, objeto das representações visuais. As representações expressam valores para legitimar as ações dos grupos sociais envolvidos na produção da cultura fotográfica, tanto de forma idealizada quanto em situações mais próximas às suas vivências cotidianas. Assim, as representações visuais permitem a ampliação do olhar sobre a sociedade de imigração e são meios importantes para a construção da identidade e da memória coletiva.

Ainda, a respeito da Cultura Fotográfica cabe observar que:

A noção de cultura fotográfica já apresenta de imediato, uma dificuldade conceitual que, por sua vez parte de outras duas: a definição do que se entende por cultura e do que costumamos chamar de fotografia. Mas ela tem a vantagem de explicitar uma outra premissa que serviu de base para a concepção deste número da revista do Patrimônio: podemos falar de uma cultura fotográfica no Brasil, porque também estamos considerando a existência de uma cultura fotográfica em geral. A intenção desta arte- ciência- ou seria simplesmente uma técnica?- que, numa junção de saberes e numa classificação de fazeres típicas do século XIX, era capaz de produzir imagens estáveis por meios foto mecânicos e processamento químico, só se tornou mundialmente consagrada pelo nome de fotografia muito tempo depois da difusão dos primeiros processos práticos (daquerreotípia, talbortípia ou calotípia, etc.) dessa nova modalidade de representação visual. Em cento e sessenta anos de história, a variedade de expressões associadas às imagens fotográficas e a imprecisão de boa parte dessa nomenclatura sempre foram sintomas da natureza essencialmente plural de tais imagens, ainda que esta característica tenha sido acompanhada, sucessiva e paradoxalmente, de um esforço para enquadrá-las em conceituações unitárias e globalizantes. A afirmação de uma identidade singular para a multiplicidade de imagens, com formatos e significações variadas, reunidas sob a denominação de fotografia, está ligada ao processo de constituição de uma cultura fotográfica, em grande parte responsável pelo alargamento do sentido da visão na sociedade contemporânea. TURAZZI (1998, p.8)

Em relação a importância do resgate histórico de profissionais da área da fotografia e a relevância de investigações e projetos dessa natureza:

Resgatar os fotógrafos do anonimato é tarefa decisiva, seja sob o ângulo da história social e cultural da fotografia, seja sob a perspectiva da memória histórica. Penso que todos aqueles envolvidos com a história da fotografia devem valorizar as histórias locais e regionais, e apoiar levantamentos sistemáticos não só dos fotógrafos que atuaram nos lugares mais remotos, mas também de suas trajetórias, suas produções. Esse me parece ser um caminho fértil para uma revisão historiográfica necessária. O rastreamento sistemático dos fotógrafos

que atuaram numa região e em determinado período- assim como a localização do que sobreviveu de sua produção fotográfica- é fundamental para obter-se um mapeamento da atividade fotográfica. Além disso, propicia um campo elucidativo de descobertas, no que tange à diversidade temática, aos estilos e às tecnologias empregadas nos diferentes períodos, oferecendo, também ao pesquisador, um quadro abrangente da documentação fotográfica existente nos acervos públicos e privados. (KOSSOY, 2007, p. 70-1)

No acervo do arquivo fotográfico do Museu Antropológico Diretor Pestana-MADP- de Ijuí, conforme MARQUES (1990, p. 11), merecem especial destaque: a) A coleção Beck, iniciada por imigrante alemão que se integra como fotógrafo no novo meio e continuada pelos filhos. Radicado inicialmente na sede citadina de Cruz Alta, Carlos Germano Beck começa a produzir fotos sobre Ijuí em 1897. Estabelece-se no núcleo colonial com o primeiro estúdio fotográfico em 1908, atendendo com produção abundante e diversificada à demanda das camadas da população que se firmavam econômica e socialmente. B) A coleção Jaunsem que reúne a produção fotográfica de Eduardo Jaunsem, imigrante da Letônia, integrando como pequeno agricultor, desde 1908, no interior da colônia. Amador de fotografia, com equipamento doado por um tio na partida da Europa (tinha 16 anos), Jaunsem desenvolveu uma experiência original tanto como fotógrafo autodidata como pelo caráter lúdico de sua produção, ao registrar o meio em que vive, a compreensão que tem desse meio, suas emoções. Visualiza a contribuição dos imigrantes, em especial dos letos, enquanto produtores agrícolas e construtores da nova sociedade.

O fotógrafo Custódio Bernardo Bandeira, nasceu no dia 20 de agosto de 1936, no primeiro distrito de Ijuí (Parador, antiga localidade dos Eucaliptos), no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.



Custódio Bandeira, atualmente com 75 anos, com um exemplo das técnicas desenvolvidas: O “poli relógio”.

Figura 01

ARTE:

Porque o cara tem muita chance, oportunidade de transformar um ângulo em beleza. Começando pela paisagem, pelo ser humano, entendeu? Um ângulo assim... Eu tenho uma paisagem que me marcou no início da minha carreira: um cara, um amigo meu, fotógrafo, precisava de uma bonita fotografia para mandar para a noiva dele que morava em outra cidade, né? Eu senti assim e disse eu vou tirar essa tua foto. Tá, trás a máquina aí. Arrumamos o estúdio e eu bati. Bati umas 30, 40 (6x6), né? E de repente eu disse para ele: vai torcendo... torce o rosto... inclina o queixo...levanta o ombro de trás... e... bati a foto e disse pra ele: Essa é a foto! Podemos parar. Acertei o teu ângulo. Essa é a foto que tu vai aprovar.

Neto de Leopoldo Bandeira e Ângela Bandeira (paterno) e Luiz Garbinato e Adelia Garbinato (maternos) ambos imigrantes de origem italiana. Filho de José Bandeira e Maria Garbinato Bandeira, agricultores residentes no primeiro distrito de Ijuí.



Os Pais José Bandeira e Maria Garbinato Bandeira.
Casamento. c. 1931.

Figura 02

SENSAÇÃO E EXPECTATIVA:

A expectativa daquilo que a gente está fazendo, que faz e não enxerga, não sabe o resultado. Então, o cara vai revelar naquela sensação de ver o que aconteceu de fato, trabalhar com a luz, com velocidade, tudo isso, embora as máquinas favoreçam, o ambiente requer, o ambiente cobra essas mudanças, né? A sensação, a expectativa da revelação, a sensação de ver o resultado no outro dia, ou no mesmo dia.



Custódio Bandeira teve três irmãos: Sérgio Florentino, Dejanira Lurdes e é gêmeo de Iignes Bandeira.



Esquerda para Direita: Iignes a irmã gêmea, Custódio, Dejanira Lurdes e Sérgio Florentino. c. 1938

Figura 03

PRAZER:

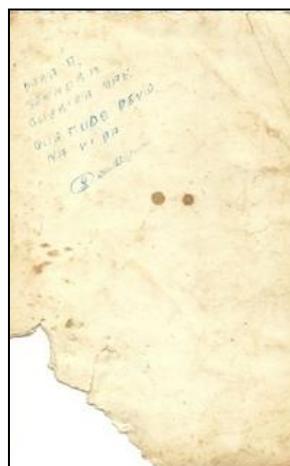
O prazer marca muito em cima disso. O prazer... Não sei se eu vou sair fora... Na minha vida, lá no começo. Os fotógrafos, o fotógrafo chegava em qualquer ambiente, o fotógrafo ele era um destaque especial, paravam de tocar a gaita, paravam disso, paravam daquilo.... Chegou o fotógrafo! Vamos tratar de tirar fotografia. Isso dava uma auto-valorização na profissão, entendeu? Todo mundo... A gente ficava em função de toda a festa fotografando. No começo era assim. Eu me sentia assim... valorizado, super valorizado de exercer essa profissão.

No dia sete de Janeiro de 1954, com 18 anos, Custódio Bernardo Bandeira alistou-se no 7º R I “Regimento Gomes Carneiro”, da Cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul e veio a incorporar-se ao mesmo no ano de 1955, sendo que no ano de 1958 deu baixa com a graduação de cabo e estando apto a promoção de 3º sargento.

No Quartel em 1957 com sua Flex Aret .
Foto: Presente dado a mãe.



Figura 04



No verso: Para a senhora querida mãe que tudo devo na vida.

Figura 05

AUTONOMIA PROFISSIONAL:

A fotografia me fez dono do meu nariz, me fez auto-suficiente. A fotografia é... Se eu caísse em qualquer lugar desse país e mesmo nessa América, no outro dia eu estaria trabalhando, ganhando a minha vida. A fotografia é tudo, profissionalmente, expectativa, relacionamento. A fotografia trás poderosos relacionamentos. Autonomia é... A fotografia, tirando a parte forte do trabalho, o fotógrafo não tem tempo para o lazer. Mas eu nunca vi um fotógrafo deixar de ser fotógrafo, salvo em caso que conseguiram cursos superiores, se escoraram na fotografia para se formar em outras profissões. A fotografia é tudo. Permitiu nós ver a terra azul, que espetáculo.



No Pátio da residência onde estava localizada a “Bandeira Foto”, na rua Dr. Bozano, 149, cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, com sua Lambreta LDT (italiana) que comprou em 1960.

Figura 06

SER FOTÓGRAFO:

O fotógrafo é uma pessoa que muitas outras pessoas precisam do trabalho dele. Acidentes (vamos supor), casamentos, acidentes de auto antigamente, com mortes; o fotógrafo sempre se fez presente para registrar o momento; para a justiça, para a polícia. A comunidade necessita de um fotógrafo, para uma série de finalidades: momentos agradáveis de crianças que vem desenvolvendo, para manter aquela imagem inicial de sua vida, para manter sempre aquela imagem de todas as épocas, isso é um espetáculo. O fotógrafo se faz presente na rua, nas festas, nas igrejas, nos clubes e no seu estúdio fotografando de tudo que é maneira. A função do fotógrafo é prestar serviço a comunidade em cima de um setor indispensável para essa comunidade. Eu já me olhei muito no espelho... Já me enxerguei como fotógrafo eu me vejo e sempre me senti feliz como fotógrafo, contente, alegre, nunca tive oportunidade de ficar mal-humorado perante os acontecimentos que eu me fazia presente como fotógrafo. O ambiente sempre me transformava num bom momento. A fotografia

foi tudo na minha vida, me desinibiu. Eu me vejo um cara útil na comunidade, registrando todos os acontecimentos de uma cidade. Particularmente, especialmente eu, me fazia presente em todos os acontecimentos: jornal, prefeitura. Eu registrei tudo o que aconteceu no município, inaugurações, desastres, chuvas, enchentes, mortes, sempre como fotógrafo junto à polícia para registrar essas anormalidades do dia-a-dia. Eu era fotógrafo deles, porque a hora, 3, 4 horas da madrugada... eu tinha tudo para fazer os levantamentos, a farinha de mandioca, aquelas coisas de medir... Trabalhei como fotógrafo criminalista, só que, de forma, autônoma.



Figura 07



Figura 08

Em 15 de janeiro de 1972, na cripta da igreja São Geraldo, em Ijuí, casou-se com Mirian Alves de Oliveira.

INSPIRAÇÃO:

O que me levou a inspiração de trabalhar com a fotografia seria a busca e a descoberta de uma profissão para resolver meu lado social e econômico da vida. No quartel, já cabo, eu entrei no laboratório de fotografia, no 7º R I de Santa Maria e o fotógrafo andava por lá. E eu perguntei, mas que negócio, como tu faz é assim, assado... e uma pergunta, no momento exato da minha decisão que eu disse sim para mim eu perguntei: quanto sai esse papel? Ele me disse sai tanto. Quanto sai esses químicos tudo? Ele me disse sai tanto. E por quanto tu vende a fotografia? Por tanto... O cara era um funcionário do quartel mesmo, né? Ah! Não teve dúvida e aí veio: vou ser fotógrafo. Porque a margem de lucro o senhor sabe o que custa a matéria prima o que se anexa é o trabalho de buscar a fotografia na rua, no estúdio, criar todo o sistema. Uma fotografia custava um centavo e se cobrava 10 reais, 10 cruzeiros naquela época. Era um absurdo, mas o lucro, né? O lucro da matéria prima era uma coisa. Mas, depois, sintetizar todo o trabalho, as buscas, os materiais precisa um monte de dinheiro. Decidi ser fotógrafo, eu já era fotógrafo. Naquele momento eu já era fotógrafo. Sai de lá, fui no Luis Gonzaga Schlanger. Na primeira folga que eu tinha. Porque eu era bibliotecário no quartel, e eu tinha liberdade de sair no momento que eu quisesse, para buscar as revistas, livros ou mini discos. Cheguei lá e perguntei o que eu preciso de material para ser fotógrafo. E o Luis Gonzaga Schlanger disse: tu precisas isso e isso. Então o senhor faça uma lista para mim e dá um

jeito de encaixotar que eu vou levar. E eu tinha uma garagem, eu morava numa garagem, na Dr. Bozano, 149, em Santa Maria. E o Luis Gonzaga fez todo o negócio e dali uns dias eu fui lá levei. E tinha um amigo meu (sargento) que já era fotógrafo de máquina, não de laboratório, né? Tentei aprender alguma coisa com ele e me disse: eu de laboratório não sei nada. Daí eu levei o material prá lá, na garagem, dei uma parte de entrada, paguei uma parte e uma parte eu fiquei devendo. Como eu era cabo tinha crédito. Daí eu voltei no Schlanger. Eu não sei trabalhar com fotografia, ele ficou me olhando assim... Mas tu consegues? Eu não sei, eu quero aprender, eu vou ser fotógrafo, eu sou fotógrafo, eu dizia que era fotógrafo, mas na auto-estima minha, não aprontando uma mentira. Ele pensou... Não, mas nós vamos resolver esse teu caso. Aí me chamou lá e eu ia lá de noite com uns peões dele, que não me lembro bem, e eles me ensinaram. O que foi muito fácil. Isso foi no primeiro ano que eu entrei no quartel em 1954, eu incorporei em 07 de janeiro de 54. Realmente a partir daí eu comecei a trabalhar.

Em Ijuí, no ano de 1971, fundou a Foto do Povo, que funcionou até o ano de 1980, em uma sala comercial, no edifício Muraro, na rua Benjamin Costant.



A Foto do Povo tinha uma pequena “filial” a Foto Rápida, que ficava na rua 13 de maio, em frente a antiga Ciretran (Circunscrição Regional de Trânsito) de Ijuí. Com estúdio e laboratório, os serviços prestados eram as fotos rápidas 5 x 7 e 2 x 2.

Figura 09

CIVILIDADE:

A fotografia, se tratando da minha pessoa com a fotografia... A fotografia foi tudo. A fotografia foi tudo, a fotografia me transformou. A fotografia me transformou como uma pessoa civilizada, eu me civilizei com a fotografia. A minha vida foi muito restrita e fechada e sempre trabalhando e no momento em que eu me tornei fotógrafo eu me tornei uma pessoa relacionada ao público, eu tinha que exercer essa profissão com alguém, com o povo. Como hoje, o freelancer, ontem, eu fui o repórter de rua, não era o repórter de jornal, eu era repórter fotográfico de rua, só prá mim. O jornal me aproveitava, eu tinha que conversar com o povo, me fazer simpático, me fazer comercial com a fotografia. Então eu comecei a trocar esse cenho aqui... Eu tinha um cenho contraído. Eu acho que era um cenho do sofrimento, do ódio, da raiva, das injustiças, não perante o povo, perante a minha pessoa que cometiam quando eu morava na casa dos

outros, no meio dos galpões, nos porões. Nunca tive a liberdade que um ser humano deveria ter, ou junto com os negros que eu não sabia que o negro era escravo, eu achava que o negro para mim era gente... Tudo isso eu fui acumulando e a fotografia foi me limpando a cara, isso me fez civilizado, a fotografia me civilizou. A fotografia me fez gente.



A partir da década de 1980, inaugurou a Foto Bandeira, no primeiro piso do edifício de sua propriedade, na rua Benjamin Constant, número 298. Em funcionamento até hoje, na mesma esquina, com entrada pela rua Ernesto Alves, número 333, no Centro de Ijuí.

Figura 10

REVOLUÇÃO E ESCRAVIDÃO:

A Fotografia é altamente revolucionária. Ela foi aceita e útil, como elemento de identificação do elemento, da pessoa, do indivíduo, pra todos os fins, passando por um simples crachá, trazendo segurança. A fotografia é tudo na vida, tratando-se de utilidade individual e coletiva, história. Hoje eu estou vendo as guerras através da fotografia. Filmagem é fotografia? Uma fotografia em movimento. Eu tive tudo da fotografia na minha vida. De fato. Eu deixei de ser um escravo do trabalho dos outros, com fim lucrativo para os outros, e acabei sendo um escravo de mim para mim mesmo. Porque a fotografia escraviza.



Esquerda para Direita: o filho Eduardo. No colo o filho Rodrigo, a esposa Mirian e Custódio no balcão de atendimento da Foto Bandeira em 1983.

Figura 11



REFERÊNCIAS

CANABARRO, Ivo dos Santos. **A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração**. Tese de Doutorado defendida na UFF–UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Niterói (RJ): abril de 2004.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2007.

MARQUES, Mario Osório & CRZYBOWSKI, Lourdes Carvalho. **História visual da formação de Ijuí**. Rio Grande do Sul. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1990.

TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. *In* Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fotografia. Nº 27. São Paulo: IPHAN, 1998.